

PENSAMENTO COMPLEXO EM SMART CITIES: ANÁLISE DO RANKING BRASILEIRO

LUCAS PEREIRA DE SOUZA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL

NATASHA DE ARAUJO CEZAR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL

PAULO MARCELO FERRARESE PEGINO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL

LUÍS MIGUEL LUZIO DOS SANTOS

Introdução

Em um mundo orientado por rankings e métricas, o conceito de "cidade inteligente" frequentemente é reduzido a indicadores técnicos e comparativos. Este artigo problematiza essa visão, articulando-a com o pensamento complexo de Edgar Morin. Questiona-se até que ponto instrumentos como o ranking Connected Smart Cities conseguem capturar a real complexidade e as contradições inerentes aos espaços urbanos.

Problema de Pesquisa e Objetivo

O problema central reside na aplicação acrítica de modelos padronizados para avaliar cidades, ignorando suas singularidades. O objetivo é analisar criticamente o referido ranking, examinando se seus indicadores conseguem, de fato, medir a inteligência urbana em toda sua multidimensionalidade, ou se perpetuam uma visão reducionista e tecnocrática.

Fundamentação Teórica

Edgar Morin oferece a base teórica, criticando a fragmentação do conhecimento e defendendo um pensamento complexo, que integre contextos, incertezas e totalidades. Essa perspectiva é crucial para analisar cidades como sistemas vivos, nos quais aspectos qualitativos e subjetivos são tão importantes quanto dados quantitativos.

Metodologia

Realizou-se uma análise qualitativa do ranking, com foco em seus 74 indicadores distribuídos em 11 eixos temáticos. A avaliação critica três aspectos: a coerência interna entre os eixos, a capacidade de capturar dimensões não mensuráveis e a adequação dos parâmetros globais aos contextos locais heterogêneos.

Análise e Discussão dos Resultados

A análise revela que, embora abrangente, o ranking fragmenta a cidade em eixos isolados, priorizando o mensurável em detrimento de aspectos como cultura, participação social e equidade. Indicadores de mobilidade, governança e economia, por exemplo, não capturam desigualdades ou experiências subjetivas, reforçando uma visão tecnocrática.

Considerações Finais

Concluimos que rankings urbanos são ferramentas úteis, mas insuficientes para avaliar a inteligência complexa das cidades. É necessário superar a lógica puramente técnica e incorporar perspectivas contextualizadas, participativas e multidimensionais, alinhadas com uma visão de cidade como organismo vivo e plural.

Referências

BILORIA, N. (2021); BLASI, S. et al. (2022); CEZAR, N. et al. (2024); MORIN, E. (2000); NIN?EVI? PAŠALI?, I. et al. (2021); URBAN SYSTEMS (2024); WALRAVENS, N. (2015); ZHAO, F. et al. (2021).

Palavras Chave

Cidades Inteligentes, Pensamento Complexo, Indicadores